

conhecimento

O que faz um bom professor?

Pode-se imaginar uma sala de aula com 30 crianças, todas propensas, como é natural, a brincar, conversar, movimentar-se. Como despertar o interesse e prender a atenção delas em uma aula de ciências ou de matemática, por exemplo? Como tornar o aprendizado de física interessante a um menino que não vê a hora de ir jogar futebol? Como impedir - sem agredir - que duas meninas interrompam a troca de bilhetinhos ou que dois garotos parem de jogar bolas de papel amassado na cabeça um do outro? E, mesmo com a turma apaziguada, como garantir que ela realmente assimile o conteúdo do dia?

Pesquisadores norte-americanos têm se dedicado à análise da prática de ensinar a fim de encontrar alternativas ao modelo tradicional de ensino-aprendizagem, que nem sempre garante bom rendimento dos estudantes. Nos EUA, como no Brasil e em outros países, os desafios dos professores são semelhantes. As conclusões desses estudos, portanto, também se assemelham e apontam para a necessidade de maior investimento na prática de ensinar. Não se trata de investir mais em novas tecnologias, ainda que essas tenham sua importância, tampouco em salários de professores, também relevantes, e nem mesmo em infraestrutura escolar, por mais que essa faça diferença. Trata-se de investir na capacitação dos professores, não em termos exclusivamente de formação curricular (domínio das disciplinas que ministram), mas de competência e eficiência pedagógicas, aquilo que faz com que seus alunos realmente aprendam.

Para os pesquisadores americanos Doug Lemov e Elizabeth Green, é preciso haver domínio tanto do conteúdo da disciplina quanto de técnicas pedagógicas. Talento e carisma contam, mas precisam sustentar-se sobre sólida metodologia. O professor deve ser um grande motivador e, claro, estar ele próprio motivado. Criatividade é imprescindível.

Pesquisa recente da Fundação Bill & Melinda Gates oferece mais sugestões: metodologias inovadoras para atrair as novas gerações de estudantes; avaliação do desempenho deles próprios; recompensas não materiais aos educadores; aproximação entre escola e família dos estudantes, etc. As propostas parecem simples, quase simplistas. Mas, se a maioria das escolas apresentasse características como as que apontam esses pesquisadores, a educação enfrentaria tantas crises? Ou, sob outro ângulo, problemas com outras causas afetariam tanto a sala de aula se ela estivesse sob o comando de professores mais preparados, motivados e felizes? Portanto, um olhar mais atento sobre o professor é indispensável para o êxito na aplicação de políticas educacionais. ■



Jorge Werthein

Doutor em Educação pela Stanford University, ex-representante da Unesco no Brasil e vice-presidente da Sangari Brasil
www.sangari.com